

A revolução paraguaia sob o governo de José Gaspar de Francia¹

Wagner Cardoso Jardim²

Resumo:

Na primeira década do século XIX, a América espanhola sofreu profundo reordenamento político. A invasão de Napoleão Bonaparte à Península Ibérica e a saída de Fernando VII do trono espanhol provocou o desmembramento daquele Império. Os crioulos desejavam livrar-se do sistema colonial que lhes era prejudicial, tanto política quanto economicamente. Várias lideranças surgiram nesse momento de incertezas. O vice-reinado do rio da Prata fragmentara-se. No Paraguai, surgiria um líder revolucionário que, com o apoio da classe camponesa, romperia com o jugo espanhol e espanholista bancado, sobretudo, pelos representantes do comércio internacional em Buenos Aires. José Gaspar Rodríguez de Francia transformaria o Paraguai no primeiro país independente da região platina e faria da classe camponesa sua base de governo.

Palavras-chave:

Paraguai.
Revolução.
José Gaspar de Francia.

- 1 Agradecemos a leitura do texto pelo professor Doutor Mário Maestri Filho, professor no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). Este artigo é uma versão atualizada de parte da dissertação de mestrado defendida em julho de 2014 no mesmo programa.
- 2 Professor de História da rede pública estadual, no Rio Grande do Sul. Mestre em História Regional pelo (PPGH/UPF).

Introdução

Na primeira década do século XIX, cresciam na América as tensões e insatisfações sociopolíticas em meio às transformações provocadas pelas Guerras Napoleônicas na Europa. Ao longo do imenso império espanhol americano, foram registradas manifestações de repúdio às ações praticadas por Napoleão Bonaparte (1769-1821). As instituições políticas na Hispano-América estavam dominadas por espanhóis natos que não desejavam o rompimento com a metrópole. No entanto, as classes dominadoras crioulas locais ansiavam por maior autonomia política, além de desejarem livrar-se da dependência econômica imposta pela metrópole.³

Após a deposição do rei espanhol Fernando VII, instalou-se na Espanha, em Sevilha, uma junta provisória que governaria em nome do rei, enquanto este estivesse impossibilitado. Na América, a deposição do soberano motivou a criação de juntas de governo, em apoio ao monarca. Em maio de 1810, o cabildo de Buenos Aires deporaria o vice-rei e estabeleceria uma junta provisória do rio da Prata para governar em nome de Fernando VII. Isso não correspondia à vontade dos setores mercantis locais, declaradamente os crioulos desejosos da independência política e econômica.

Singularidade econômica e social

As características geográficas do Paraguai definiram parte de sua situação econômica. Distante do oceano, não possui portos marítimos para realizar suas exportações, um território mediterrâneo, com sérias dificuldades em acessar os portos marítimos para praticar sua exportação. Os rios que ligavam a província ao restante dos centros econômicos regionais eram, em boa parte do ano, de difícil navegação, dificultando o contato e retardando as viagens dos barcos a vela. Além de enfrentarem as dificuldades naturais, os comerciantes do Paraguai tiveram de se submeter às pesadas cargas de impostos pagos, sobretudo no porto de Buenos Aires.⁴

Na condição de colônia-satélite, a província do Paraguai servia na América platina para atender os interesses da metrópole europeia e dos comerciantes e classes dominantes portenhas. A constante preocupação com a manutenção territorial diante do expansionismo português e dos ataques de indígenas hostis determinou a obrigatoriedade do serviço militar gratuito para o povo paraguaio, com destaque para os pequenos e médios camponeses, os “chacareros”. Não bastasse a prestação de serviço, os convocados eram obrigados, quase sempre, a arcar com as despesas relativas àquela prática.⁵

No início do século XIX, período das tensões platinas, o Paraguai possuía cerca de 120 mil habitantes.⁶ A sociedade paraguaia gozava de características muito pró-

3 Cf. WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América Paraguay (1810-1840)* - Asunción: Carlos Schauman, 1989; ANDRADA E SILVA, Raul. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai: [1814- 1840]*. São Paulo: Coleção Museu Paulista, 1978.

4 ANDRADA E SILVA, Raul. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai*. Ob.cit.p.29.

5 MAESTRI, Mário. *Paraguai: A República camponesa 1810-1865*. Porto Alegre: FCM Editora, 2014.p.27.

6 VILABOY, Sergio Guerra. *Paraguay: de la independencia a la dominación imperialista - 1811-1870*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales La Habana, 1984.p.25.

prias. Isso se deveu ao modelo econômico e às condições geográficas da província, já assinaladas. No Paraguai, a maioria da população era de mestiços, ou seja, de crioulos produzidos pela miscigenação do raro elemento europeu com os nativos guaranis, o que motivou erroneamente, mais tarde, no período da guerra grande e após, a alcunha de povo guarani. A sociedade paraguaia era composta por pequena aristocracia e uma grande parcela de trabalhadores e produtores rurais, pequenos e médios. Havia trabalhadores livres ligados aos comerciantes exportadores e importadores.

Trabalhadores escravizados, inseridos na província a partir do século XVII pelos religiosos das missões, geralmente praticavam serviços domésticos, o que reflete um Paraguai com número reduzido de latifúndios agrícolas mercantis, voltados ao mercado externo. No final do século XVIII, havia a presença de mão de obra ex-cativa, proveniente, em geral, do Brasil e aceitos como trabalhadores livres no Paraguai. A situação do negro no Paraguai, apesar de não conhecer sequer parte da depreciação vista no Brasil, também sofreu diferenciação étnica. Não possuindo, mesmo os negros livres, o direito à posse de terras.⁷

No Paraguai pré-independente, o que mais se aproximava de uma classe média eram os pequenos e médios chacareros proprietários e arrendatários; o baixo clero e funcionários subalternos; os pequenos comerciantes e artífices etc.⁸ Na pirâmide social paraguaia, o segmento secundário seria da reduzida classe de comerciantes que, na maioria das vezes, representavam interesses comerciais de importadores e exportadores residentes na capital. Geralmente eram ligados e dependentes de comerciantes portenhos.

Os chacareros, substrato social importante nessa análise, significavam a maior parcela populacional no Paraguai. Em geral, eram donos de suas propriedades, no entanto, existiam aqueles que arrendavam terras do trabalho. Essa classe, ao contrário dos segmentos anteriores, não tinha interesse no comércio internacional, nem tampouco defendia o liberalismo econômico. Para esse segmento, que vivia do suor de seu próprio trabalho ou quando muito empregavam poucos trabalhadores, o interessante, em sua visão, era a existência de um mercado interno forte capaz de absorver o excedente de sua produção.

Compunha ainda essa classe os índios agrupados nos “pueblos”. Existiam também trabalhadores livres, labutando nas estâncias, os peões, e os trabalhadores nas “obrages” de erva, de madeira etc. A população vivendo nos campos caracterizava-se pela extrema simplicidade de costumes, pela frugalidade, por sua cultura de raízes guaranis e por relativa incapacidade de ação política autônoma, própria a esses segmentos. Era um contingente social que demograficamente dominava as demais categorias e podia constituir decisivo ponto de apoio político, sob uma chefia enérgica e orientada por objetivos definidos, que interpretasse suas aspirações.⁹

7 MAESTRI, Mário. *Paraguai: A República camponesa 1810-1865*. Ob. cit. p. 53.

8 ANDRADA E SILVA, Raul. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai*. Ob. cit. p. 42.

9 Id. ib. p. 44.

Não se pode, no entanto, confundir essa classe intermediária paraguaia, com uma burguesia aos moldes da Europa do século XVIII.¹⁰

Apesar da inexistência de grandes estâncias produtoras agroexportadoras, no Paraguai, ainda assim, houve a instituição “escravidão”. Os cativos trabalhavam prioritariamente em serviços domésticos, no artesanato e no pastoreio. Mesmo no período da República, a escravidão prosseguiu no país.¹¹

Francia, origem e participação política

A família de José Gaspar Rodrigues de Francia era de origem mediana. O pai, militar e comerciante luso-brasileiro enriquecido, José Engracia García Rodrigues, teria se estabelecido no Paraguai ainda jovem, vindo tentar a sorte na produção de tabaco na localidade de Yaguarón, nas proximidades de Assunção. A mãe, dona Josefa de Velasco y Yegros, da distinta família “Yegros” de crioulos do Paraguai. A origem desconhecida do pai sempre foi motivo de humilhação para o jovem Francia, na aristocrática Assunção de seu tempo. O pai de Francia e mais tarde ele próprio fora acusado de mulato, situação de desprestígio social em uma sociedade que, além de manter a escravidão, media a “qualidade” pessoal por sua origem familiar. No entanto, essas acusações parecem não ter fundamentação, pois, “as funções como oficial da artilharia, as missões públicas que cumpriu, o casamento ilustre, aos 23 anos, sugerem que José Engracia García possuía educação ao chegar ao Paraguai”, condição que o afastaria de uma genealogia com raízes negras, por exemplo.¹²

José Gaspar Rodrigues de Francia estudou até os 14 anos em Assunção na ordem dos franciscanos de onde saiu, em 1780, conduzido pelo pai, para a Universidade de Córdoba, em Tucumán, território argentino. Doutorou-se em Teologia, depois de ter-se graduado e atingido o título de mestre no curso de Artes. Poderia ter seguido a carreira sacerdotal, como desejava o pai, optando pela carreira professoral e, a seguir, forense.

Ainda na Universidade, Francia teve contato com o pensamento “ilustrado” - provou, igualmente, o conservadorismo religioso e civil imposto no colégio Monserrat.¹³ Durante o período de sua formação, a situação política na América cambiaria. As ex-colônias inglesas da América do Norte se tornaram independentes. No mesmo período, no alto Peru, futura Bolívia, o líder indígena José Gabriel Condorcanqui, reivindicando descendência do grande líder Tupac Amaru, organizou resistência popular contra o sistema colonial espanhol.¹⁴ Composta em sua grande maioria por indígenas e gente pobre, a revolução popular teve resultados efêmeros.

10 MAESTRI, Mário. *A Guerra no papel: História e historiografia da Guerra no Paraguai (1864-1870)*. Passo Fundo: PPGH/UPF. 2013. p. 209 *et. seq.*

11 ANDRADA E SILVA, Raul. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai*. Ob. cit. p. 200.

12 MAESTRI, Mário. *Paraguai: A República Camponesa*. Ob. cit. p. 76.

13 ANDRADA E SILVA, Raul. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai*. Ob. cit. p. p. 137.

14 CERVO, Amado Luis; RAPOPORT, Mario. [org.]. *História do Cone Sul*. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 91.

Apoiada inicialmente pela classe crioula local, desejosa de maior autonomia política e econômica, foi posteriormente abandonada por essa que via seus interesses cada vez mais distantes. A rebelião foi sufocada, no entanto, a semente da revolução ficaria e serviria de alimento para o processo emancipacionista que inundaria a América na década de 1810.

Esse processo todo contribuiria para compor a visão de mundo do jovem Francia. De volta à terra natal, Francia abandonou as pretensões à carreira clerical. Por falta de opção na limitada atividade laboral de Assunção, seguiu a carreira de professor. Na bagagem, trazia uma ampla formação humanística como Filosofia e Direito Canônico. Iniciou a vida profissional lecionando no colégio seminário de San Carlos, centro de formação clerical frequentado por parte dos filhos da elite asuncenhista. Mas, já nesse período, seu ideário antiabsolutista o fez abandonar o magistério. Foi, portanto, na advocacia, que galgou prestígio e respeito na capital paraguaia. Destacou-se como um dos melhores advogados de Assunção.

Possivelmente, em seu ofício de advogado foi que Francia teve amplo contato com as classes subalternizadas da capital e arredor. A tradição sugere que o doutor Francia recusava-se a advogar causas que não reconhecesse como “justas”. Outra prática que o mesmo praticaria, a filantropia, para os que não podiam pagar seus honorários, ao mesmo tempo em que cobrava honorários altíssimos para clientes ricos. Tais afirmativas tentam demonstrar um personagem amável, benevolente, acima do bem e do mal. No entanto, parece-nos mais apropriado entender suas ações no campo político-social. Como vimos, Francia teria passado a infância tendo que ver o pai se explicar quanto à sua “pureza” de raça, o que possivelmente galvanizaria nele ressentimentos pessoais ao mesmo tempo em que sua formação, de caráter iluminista, comporia sua consciência social levada a cabo em seu governo.

O próprio Francia, ao retornar ao seu país, enfrentou resistência das autoridades eclesiásticas locais. Fora contestado, pela elite do clero local, para assumir o posto de professor das cátedras de Latim e de Teologia, sendo apoiado pelo governador da Província Pedro Melo de Portugal.¹⁵ Mesmo sendo, salvo engano, o único paraguaio com título de “doutor” naquele período, não se livrou de ser perseguido, acusado de “mulato”, “filho de mulato”. Para assumir o cargo, após ter sido aprovado em concurso público, José de Francia teve de apresentar sete testemunhas que depusessem sua ascendência sem mancha.¹⁶

A relação de Francia com a Igreja Católica começava a se deteriorar. Os posicionamentos conservadores do alto clero contrastavam com a visão de mundo do jovem advogado, adepto das ideias do iluminismo. Sua batalha contra o que representava a Igreja se mostraria mais tarde quando da criação da junta de governo. O antagonismo entre Francia e o dr. Francisco Javier Bogarin, simpático ao partido realista, provocaria uma das saídas de Francia da Junta de governo, como veremos. Possivelmente, o dr. Francia, respeitado por sua índole e seriedade, não levaria em consideração as injúrias pessoais para as tomadas de decisão. Sua conduta

15 MAESTRI, Mario. *A república camponesa*. Ob. cit. p. 77.

16 CHAVES, Julio César. *El Supremo Dictador: biografía de José Gaspar de Francia*. 5 ed. Asunción: Carlos Schauman, 1985. p. 57-58.

representa o modo de pensar de um indivíduo que viveu o seu tempo e que fora contagiado com os novos ares que sopravam do velho continente.

Vejamos, no entanto, como se deu a iniciação política de Francia num ambiente totalmente hostil a conceitos políticos, como os que ele trazia. O início na vida política não seria fruto do acaso, seu potencial intelectual teria contribuído para isso. Em 1789, fora rejeitado, por razões difusas, para o cargo de “síndico procurador general” nas eleições do cabildo. No entanto, sua atuação política crescera. Em 1804, a partir de um memorial descritivo escrito por Francia, denunciando a arbitrariedade do governador do Paraguai Lázaro de Ribera ao vice-rei, contribuiu para a deposição do mesmo. Em seu lugar, seria colocado Bernardo de Velasco, essa conquista política contribuiu para aumentar seu prestígio com a classe proprietária crioula, maior interessada na saída daquele governador.

Sua carreira política ganhara novos contornos após tal situação. Em 1808, foi nomeado Promotor Fiscal da Real Fazenda, logo após recebeu o cargo de juiz do cabildo e participava das reuniões ao lado do governador nos assuntos religiosos.¹⁷

A caminho da Independência

Em 1810, o governo de Buenos Aires, pretendendo sustentar a dominação política e econômica no rio da Prata, manifestou a intenção de manter a estrutura administrativa do vice-reino, enviando às demais províncias uma circular comunicando tal decisão.¹⁸ As autoridades paraguaias decidiram recusar a proposta portenha. Nesse tempo, Francia já fazia parte do mundo político provincial. Em reunião convocada pelo governador Velasco e pelo cabildo realista, propôs que o Paraguai deveria declarar-se independente de Espanha, de Buenos Aires e do Brasil. A proposta radical de Francia foi rechaçada pelos crioulos e espanhóis que desejavam manter os laços coloniais. Em lugar de independência, o cabildo decidiu reconhecer a autoridade do Conselho Supremo de Regência da Espanha e manter relações de amizade com portenhos e as demais províncias do vice-reino.¹⁹

Parece-nos claro que as intenções do dr. Francia ficavam explícitas já nesse período. Apesar de estar rodeado de pessoas com interesses políticos que favoreciam à pequena porção historicamente privilegiada no Paraguai, uma classe proprietária refém de Buenos Aires, Francia expôs suas propostas ainda que não tivessem eco nesse momento. Sua posição radical refletia sua forma de pensar que contrastava com os interesses gerais da pretensa oligarquia crioula e do espanholismo.

A partir da recusa paraguaia, o governo de Buenos Aires reagiu. A oligarquia portenha estava decidida a manter o predomínio político e econômico sobre as províncias do vice-reino do Prata em fragmentação. Impôs o bloqueio econômico, enviou emissários secretos e avançou ação militar contra a banda Oriental, que se

17 MAESTRI, Mario. *Paraguai: A republica camponesa*. Ob. cit. p. 80.

18 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 38.

19 Id. ib. p. 40-41.

apresentava como centro da reação realista. Tudo isso era também forma de pressionar o Paraguai e demonstrar às outras províncias o seu poder.

Manuel Belgrano, secretário perpétuo da junta de comércio de Buenos Aires, foi o oficial escolhido pelo governo de Buenos Aires para entrar no Paraguai e “libertar” o mesmo. Político importante e renomado, porém com escassa experiência militar. Sua missão era “poner al Paraguay en completo arreglo, remover el cabildo y las autoridades, colocar en su reemplazo hombres de entera confianza [...]”.²⁰ No entanto, nada saiu como esperado. Em 1811, apesar de o governador do Paraguai Bernardo de Velasco y Huidobro (1765-1822), juntamente com outros militares espanhóis fugirem do confronto aos portenhos, cabendo aos oficiais crioulos, Fugencio Yegros e Daniel Cavañas, lideraram o exército e venceram as tropas de Buenos Aires.

O ânimo entre os espanhóis e os crioulos esquentaria de vez. O governador Velasco via nos crioulos, prestigiados pela vitória contra Belgrano, uma forte ameaça ao espanholismo no Paraguai. Montevideu, centro de resistência realista, mas também enfrentando os problemas das emancipações que se avizinhavam, negou ajuda à Velasco que recorreu aos portugueses. Esses, por sua vez, estavam, na figura da rainha Carlota Joaquina, preparando-se para assumir um possível reinado na América espanhola.

A aproximação, perigosa, entre realistas e o Império do Brasil precipitou as ações dos crioulos no Paraguai. Após aceitarem as propostas do enviado português Jose de Abreu, o cabildo paraguaio aprovou unanimemente as condições exigidas pelo Império.²¹ Oficiais crioulos do exército paraguaio, devido ao acordo de Velasco com portugueses para interferência militar no Paraguai, precipitaram o golpe planejado para 25 de maio. “Sob o comando do capitão Pedro Juan Caballero e do tenente Vicente Ignacio Iturbe, que conquistaram a adesão de algumas tropas e, com elas, o controle dos quartéis”.²² O governador Velasco não apresentou resistência e foi obrigado a entregar as armas, a chave do tesouro e o prédio do cabildo. Francia teve importante destaque na articulação. Os interesses econômicos dos crioulos e dos espanhóis estavam em jogo nesse momento. Para exportar a precária produção paraguaia, eles dependiam do porto de Buenos Aires, por isso não queriam quebrar completamente os laços que os uniam com aquela junta.

Intensa atividade política

As intensões dos crioulos eram das melhores para com o governador Velasco. O grande objetivo das classes crioulas não era romper definitivamente com os portenhos, pois interesses comerciais os ligavam. Para tanto, Bernardo de Velasco foi mantido no cargo com a condição de que seria assessorado por dois deputados por eles indicados. Nesse momento, Francia gozando de imenso prestígio, inclusive de

20 *Apud* MAESTRI, Mario. Paraguai: A republica camponesa. Ob. cit. p. 62.

21 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 45.

22 MAESTRI, Mario. Paraguai: A republica camponesa. Ob. cit. p. 69.

parte da classe proprietária paraguaia, foi um dos eleitos, junto com o militar Juan Valeriano de Zeballos.²³

O governador da província, Bernardo de Velazco, continuava conspirando com os portugueses para fortalecer o realismo no Paraguai. Os crioulos expulsaram-no do governo, depuseram os oficiais espanhóis de suas funções e suspenderam o cabildo realista quando descobriram as tramas. Os primeiros passos para a independência no Paraguai deram-se pelas mãos de setores das classes dominadoras crioulas. O dr. Francia teve participação ativa em todos os processos que antecederam a independência, adquirindo prestígio e experiência.

A tradição política na América espanhola indica um cenário aristocrático, dominado por setores das classes proprietárias, oriundos da metrópole, apesar de representarem a minoria populacional. Aos poucos, as classes ricas locais, os crioulos, contestaram esses privilégios, pois desejavam maior autonomia para decidirem sobre os assuntos políticos que lhes dizia respeito. Por outro lado, o povo sempre esteve à margem de toda e qualquer decisão política, seja por não pertencerem às linhagens puras, seja por causa dos mecanismos eleitorais censitários que acabava por excluir as populações pobres do campo político.

Ao chegar ao poder, Francia tentaria subverter essa ordem, dando voz e vez aos pequenos e médios proprietários rurais. Em 17 de junho de 1811, foi convocada assembleia geral do povo paraguaio. O objetivo era estabelecer a forma de governo e as relações com a província de Buenos Aires. O dr. Francia cuidou de incluir representantes plebeus das povoações mais distantes do interior. Mesmo assim, a maioria dos participantes representava os criadores e as classes proprietárias crioulas. A deposição definitiva de Bernardo de Velazco e o fechamento do cabildo realista foram algumas ações da assembleia. O governo da província ficaria a cargo de uma junta superior de governo composta por cinco membros, “Fulgencio Yegros, também comandante geral das armas, com quatro vogais: capitão Pedro Juan Caballero, frei Francisco Bogarin, Fernando de La Mora e o doutor José de Francia”.²⁴

O choque entre os ideais ilustrados do dr. Francia e as posições conservadoras da junta não demorariam a aparecer. Em 1 agosto de 1811, Francia renunciou ao seu cargo na junta governativa. Isso se deu pela indisposição com os militares, que representavam os criadores crioulos e dominavam os assuntos governamentais. Porém, pouco mais de um mês depois, após súplicas por sua volta, retornou, exigindo, entretanto que frei Francisco Javier de Bogarin fosse expulso do governo. Não se tratava simplesmente de atitude autoritária despreziosa e vingativa. A eliminação do representante do clero espanholista afastava, em parte, o risco de ameaças ao projeto popular que desenvolvia. Em partes porque havia ainda inimigos da revolução trabalhando ao seu lado. Francia sairia novamente da Junta de governo por desentendimento com os representantes dos proprietários que dominavam igualmente o exército. Ao voltar, de forma definitiva, estaria com o caminho livre para por em curso sua visão de política.

23 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 47.

24 MAESTRI, Mario. *Paraguai: A república camponesa*. Ob. cit. p. 73.

Possivelmente, Francia havia traçado sua estratégia para governar o Paraguai à sua maneira. Apesar de contar com amplo apoio popular, que galvanizaria com a concessão de “voz” aos, até então, mudos políticos do Paraguai, Francia estava em terreno arenoso. Suas propostas de governo rumavam na contramão do que pensavam os outros integrantes da junta de governo. Um representante da mais conservadora instituição, a Igreja Católica, outro membro das forças armadas, simpático aos portenhistas.

Francia se esforçaria para minimizar ou anular a influência política da Igreja Católica. Após 1815, suas ações contra o clero absolutista se acentuariam. Tais ações deram-se no sentido de nacionalizar a Igreja paraguaia – para isso, “exonerou as comunidades religiosas de toda sujeição a autoridades estrangeiras”.²⁵ Francia extinguiu a Inquisição e nomeou nacionais para os cargos eclesiásticos que antes eram exercidos por espanhóis.

O projeto político de Francia, que seria amplamente desenvolvido durante seu longo governo, pretendia um Paraguai autônomo, independente política e economicamente de Buenos Aires e de Portugal. Já havia feito se ouvir em 1810, quando da *Junta General de Vecinos*. Naquele então, Francia já gritava ao quatro cantos que: “El Paraguay nos es el patrimonio de España, ni de Buenos Aires. El Paraguay es Independiente y es Republica, la única cuestión que debe discutirse en esta asamblea y decidirse por mayoría de votos es: cómo debemos defender y mantener nuestra independencia [...]”²⁶

Em suas ausências do governo, Francia aproveitou o tempo para fortalecer seus laços com a classe que elegera para lhe dar sustentação política, os camponeses. Em sua chácara em Ibiray, “gran número de agricultores, pequeños ganaderos, campesinos, peones, el clero menor y habitantes de los pueblos del interior, fueron invitados a Ibiray para discutir el curso y la naturaleza del nuevo gobierno”.²⁷

A afirmação de White não deixa dúvida de que Francia havia elegido os camponeses para compor sua base de apoio política. O autor se refere a “nuevo gobierno”, explicitando sua visão positiva das reuniões de Francia com o povo camponês. A oportunidade de voltar ao poder surgiria em novembro de 1812, quando a junta de governo solicitava seu retorno. Como condição para sua volta, Francia exigiu a criação de um batalhão do Exército com metade das munições da província para ficar sob seu comando exclusivo.

Com o passar do tempo, Francia assumia o protagonismo das ações na junta de governo. Tempo depois de sua volta ao cenário político, seus pares na junta, Fernando de La Mora e Gregório de La Cerda foram afastados da junta, provavelmente sob influência francista.

Participavam desses congressos, “pequenos agricultores, ganaderos, peones de estancia, recolectores de yerba, navegantes, almaceneros de Pueblo, comerciantes, obreros, alcaldes, indígenas”.²⁸

25 ANDRADA E SILVA, Raul. *Ensaio sobre a ditadura do Paraguai*. Ob. cit. p. 166.

26 VILABOY, Sergio Guerra. “El Paraguay del doctor Francia”. Bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/critica/nro5/VILABOY.pdf.p.3.

27 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 57-58.

28 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 65.

Congressos populares e independência

Dar voz a quem nunca pode se manifestar politicamente foi, sem dúvida, uma grande transformação social no Paraguai. No campo da representatividade, os camponeses sempre foram alijados, nunca tiveram possibilidade de manifestar suas ânsias e angústias enquanto classe. Essa foi uma das formas mais claras de Francia demonstrar aos pequenos e médios proprietários paraguaios, por um lado, e aos ricos, historicamente beneficiados, por outro, que a defesa da autonomia do país se faria com participação de quem realmente tinha interesse e defendê-lo.

Em 1813, como resposta à tentativa bonaerense de trazer o Paraguai para sua órbita, foi convocado congresso geral do povo paraguaio. Nesse congresso, a população foi representada proporcionalmente a cada região do país. Em setembro, foram chegando os deputados eleitos nas regiões. Pequenos agricultores, peões de estância, coletores de erva, entre outros, constituíam 7/8 dos deputados que votariam no primeiro congresso popular da América Latina. Sobre a representação daquele evento, o historiador Richard Alan White registrou: “Con los españoles sin privilegios y los porteñistas virtualmente eliminados del proceso político el consenso político nacionalista arrolladoramente favoreció la política extranjera antiimperialista de Francia, la cual fue adoptada en su totalidad”.²⁹

Segundo o historiador cubano Sérgio Guerra Vilaboy, esse congresso “legitimó el predominio de los chacareros en el poder político”.³⁰ Não é sem razão que Vilaboy propõe isso. As populações interioranas, acostumadas com a exploração por parte das classes ricas com a anuência dos governos, tinham pela primeira vez a chance de se fazer representar na política de seu país.

Em documento, de 21 de outubro de 1813, a assembleia paraguaia anunciou a criação do primeiro estado nacional independente na América espanhola, não mais ligado à Espanha e desvinculado politicamente de Buenos Aires. Era o ponto de partida que o Paraguai do dr. Francia necessitava para estabelecer as bases internas de um novo governo pautado principalmente no nacionalismo, o que se iria fazer com cautela e constância.

No contexto da América Latina da época, o Paraguai exprimido entre os gigantes da região, com economia dependente e sem saída direta para o mar, com uma sociedade singular, encontrou em Francia oportunidade ímpar de promover, primeiramente sua independência em relação ao sistema colonial da antiga metrópole e garantir a autonomia política sob as pretensões, igualmente atentatórias, de Buenos Aires.

Como proposto, a realidade social nos demais países da América, mesmo no Brasil, era de estratificação. As camadas menos densas, compunham uma oligarquia que dominava política e economicamente as demais. As camadas inferiorizadas ficaram alijadas de toda e qualquer possibilidade de condução dos seus destinos, esses por sinal, estavam atrelados ao querer da classe proprietária. Classe essa que

29 Id. ib. p. 65

30 VILABOY, Sergio Guerra. *Paraguay: de la independencia a la dominación imperialista*. Ob. cit. p. 35.

no fazer político trabalhavam em causa própria, para defender seus interesses, não obstante contrários aos da maioria populacional politicamente desfavorecida.

A definição de Revolução para conceituar o ocorrido no Paraguai não me parece indevido. Tomando como princípio o conceito de Revolução como processo de subversão da ordem social, compreendemos que no Paraguai sob a lógica francista houve processo de empoderamento de setores até então excluídos do cenário político. A lógica de governo e de poder é, no francismo, inversa à lógica da classe proprietária. Ao contrário de representantes crioulos, que tiveram a possibilidade de governar o Paraguai e não foram capazes, Francia capturou o desejo reprimido do povo camponês de participação política.

Como veremos, o governo Francia buscou atender aos interesses dos camponeses enquanto classe, valorizando e fortalecendo-os. No mesmo sentido, José Gaspar promoveu mudanças econômicas, educacionais e fundiárias que atenderam as ansiedades e demandas dos pequenos e médios proprietários paraguaios.

Buscando uma nova estruturação para o governo, Francia tratou de eleger para os cargos administrativos pessoas das classes plebeias. Em outros tempos, no Paraguai, os ricos proprietários de terras, espanhóis, espanholistas e proprietários crioulos eram nomeados para os cargos de juizes e de oficiais do exército. Tais ações conjugavam-se com iniciativas contra setores das classes historicamente beneficiadas, quando claramente inimigas da independência. Francia promoveu a remoção dos espanhóis de cargos públicos; decretou-se, nos fatos, a morte civil dos espanhóis enquanto classe.

Em 1814, foi chamado novo congresso do povo paraguaio. Assim como havia sido no congresso anterior, em 1813, mais de mil deputados estiveram presentes. Deste milhar de pessoas, três quartos eram homens pobres e simpáticos a Francia, que foi eleito sem dificuldades presidente da assembleia, com 90% dos votos rurais. No discurso inaugural, Francia enfatizou que o consulado tinha sido ineficiente e que o governo de um só representante seria melhor para o país. Apesar da tentativa oposicionista de impedir, Francia foi eleito como único líder do Paraguai com o título de “ditador supremo” da República.³¹

O povo como base de governo

Francia tinha no povo a sua base de governo. O ditador pensou um novo país a partir das mudanças introduzidas no exército, nos “órgãos públicos” e na Igreja. O governo que se organizou no Paraguai sob a ordem do dr. Francia tendeu a interpretar as necessidades dos chacareros e dos segmentos subalternizados, situação para a qual contribuiu a própria conjuntura sócio-histórica.

Durante todo seu governo, que durou mais de duas décadas, Francia tratou de minar a oligarquia paraguaia, seja confiscando os bens da Igreja seja cobrando multas de pessoas ligadas ao comércio exterior. Em contrapartida, arrendava terras

31 BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados da bacia do Prata: da colonização à Guerra da Triplíce Aliança*. 2. ed. São Paulo: Ensaio; Brasília: UnB, 1995. p. 77-78.

confiscadas aos conspiradores àqueles que não as tinham. Por isso, “la mayoría de las tierras fueron distribuidas [sic] entre paraguayos sin tierra y refugiados inmigrantes como lotes de granja, o designados como estancias del estado”.³²

A oligarquia crioula que tinha a maior parte de suas riquezas em terras, em grande parte dedicadas ao pastoreio, foi duramente golpeada pela expropriação de bens de conspiradores em benefício do Estado, conhecendo a perda do poder político, o retrocesso do comércio exterior etc. O golpe de misericórdia no poder político da oligarquia crioula foi aplicado em 1824, quando foi abolido o cabildo de Assunção, a última instituição representativa daquela classe.

Ao aproximar-se das classes subalternizadas, Francia demonstrava que fizera a leitura certa da sociedade paraguaia de seu tempo. Seguindo seus princípios filosóficos e humanísticos afastava-se das classes proprietárias das quais tinha diferenças pessoais. Essas, no entanto, parecem não ser as principais para suas ações. Sua concepção de sociedade contrastava com a realidade vivida no seu país e em outros pontos do território americano.

O historiador alemão Heinz Peters, em sua obra *El sistema educativo paraguayo desde 1811 hasta 1865*, de 1996, explica a relação social criada e cultivada entre os camponeses e o dr. Francia. Segundo o autor, os camponeses paraguaios por terem reduzida formação escolar estavam em desvantagem contra os ricos proprietários de terra nas constantes disputas territoriais entre ambos. Foi nessa função de proteção “de sus intereses legales concretos” que tiveram amplo contato com a figura do jurista Francia.³³ Posteriormente, como visto, quando Francia já participaria ativamente na política asuncenha, estas relações extrapolariam à questão profissional de advogado e clientes. Com imensa reputação entre os pequenos e médios proprietários de terra, o dr. Francia os convocaria para expor suas ideias políticas e possivelmente manifestar intenções de apoio por parte dos chacreros.

Para alguns, sua inclinação para política se dá por ânsia pelo poder. O historiador Justo Pastor Benitez, apesar de reconhecer a importância política de Francia, propõe que “la suprema pasión de su vida fue el poder: mandar y ser obedecido”.³⁴ O mesmo autor frisa que o ditador do Paraguai não era apegado ao dinheiro. Vivia uma vida modesta e ao morrer teria deixado 36 mil pesos de soldos que não cobrou aos cofres públicos.³⁵

A questão do poder é relativa. Se tomar como base o fato de Francia ter se tornado ditador perpétuo, cargo que não teria exemplo na história paraguaia, e considerando que a proposta de sua nomeação possivelmente foi motivada pelo próprio Francia, poderíamos acreditar que de fato o poder era o que o movia. Se considerarmos, por exemplo, que em decorrência de sua difícil situação social, tendo que explicar-se com frequência em função de sua descendência, é crível pensar em um homem obstinado pelo poder, que faria de tudo para alcançar os mais altos postos

32 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 109.

33 PETERS, Heinz. *El sistema educativo paraguayo desde 1811 hasta 1865*. Asunción: Instituto Cultural Paraguayo-Alemán, 1996. p. 32.

34 BENITEZ, Justo Pastor. *La vida solitaria del dr. José Gaspar de Francia dictador del Paraguay*. Buenos Aires: El ateneo, 1937. p. 15.

35 Loc. cit.

e vingar-se dos que lhe ofereceram empecilhos e humilhações. Essa situação, como veremos melhor, não se justifica nos fatos e nos números de seu governo. Francia, apesar da propaganda negativa ressoada pela historiografia anti-Francia, teve um governo de certa forma embasado nos preceitos humanistas. O número de paraguaios condenados à pena capital foi ínfimo se considerarmos o padrão da época.

No entanto, não se pode deixar de considerar a possibilidade de o poder pessoal ratificar sua ascensão social. Francia fora humilhado por uma sociedade aristocrática e preconceituosa. Estar no poder poderia representar em última análise uma forma de mostrar para os desafetos que ele poderia estar ali, assumir cargos de máxima complexidade e responsabilidade.

No entanto, preferimos creditar sua afeição ao poder ao fato de o jovem Francia, de inteligência ímpar no Paraguai, reconhecer naquela forma de governo como a única alternativa para uma progressiva política aos moldes nacionalistas. Durante todo o governo Francia, a independência paraguaia esteve ameaçada, sobretudo pelo governo portenho. As experiências feitas inicialmente, de governo consular, não renderam bons resultados devido ao confronto de interesses entre os membros do consulado. A possibilidade de forças internas provocarem uma contrarrevolução entregando o Paraguai aos interesses bonaerenses também não estavam afastados. Por isso, naquelas condições, a forma de governo pessoal seria a melhor alternativa para a proposta popular de Francia.

Erva, madeira e tabaco

Para manter uma política de apoio às classes subalternizadas, o dr. Francia concentrou como monopólio do Estado a exportação de três produtos, os principais. A dependência em relação ao transporte e os altos encargos prejudicavam a economia paraguaia, sobretudo no setor de exportação. Essa situação arrastava-se desde o período colonial. Na economia de exportação, três produtos destacaram-se. O tabaco era produzido desde o século XVIII. Outro produto de grande valia nas exportações eram as madeiras duras, abundantes nas florestas do país, utilizadas para um sem número de finalidades, desde móveis até fabricação de embarcações. A erva-mate foi o principal produto das exportações paraguaias, já que as imensas regiões repletas de ervas fizeram do Paraguai o principal vendedor desse produto na região platina.

O Paraguai não possuía muitas opções para exportar sua produção. O governo de Buenos Aires empreendia interrupções no tráfego fluvial para as embarcações paraguaias. Uma das poucas saídas comerciais paraguaias era através do porto fluvial de Pilar, com quem praticavam intercâmbio com os comerciantes da província de Corrientes. Em 1816, essa saída foi interrompida por problemas com aquela província.³⁶ Em 1818, o ponto de contato paraguaio com o Brasil por Itapúa/São Borja

36 VILABOY, Sérgio Guerra. *Paraguay: de la independencia a la dominación imperialista*. Ob. Cit. p. 38.

igualmente foi fechado, ainda que muito transitoriamente. Este seria o principal respiradouro das importações/exportações paraguaias.³⁷

Sob o bloqueio fluvial de Buenos Aires, o panorama econômico do Paraguai era grave. Medidas foram tomadas pelo governo francista para amenizar os problemas. Elas foram desde expropriações até à imposição de altos tributos à minoria rica, ainda que estas medidas não tenham tido diretamente objetivos reformistas sociais. Francia estimulou a construção de pequenas manufaturas. O setor mais privilegiado foi a defesa nacional, que empregou armeiros para consertar e construir armas; alfaiates e costureiras para produzir uniformes etc.³⁸ A preocupação com a defesa paraguaia foi uma constante durante todo o governo francista, em meio a ameaças de diversas frentes, como o Império do Brasil, Buenos Aires e as províncias de Corrientes e Entre Ríos.

Medidas populares

O Estado tornou-se o grande empregador no Paraguai. Enquanto que a indústria naval consumia 5% dos gastos nacionais, nas estâncias da Pátria, de propriedade do Estado, homens e mulheres encontravam as mais variadas ocupações. Nas estâncias da Pátria, confeccionavam-se balas de munição; colhia-se o salitre para a produção de pólvora; curtiam-se peles e, sobretudo, criavam-se animais de abate, destinados essencialmente à defesa da nação. Em meados de 1816, no Paraguai francista, em relativo à bacia do Prata, eram raros os ladrões, os assassinos e os mendigos.³⁹ Os homens que trabalhavam gozavam da paz; a tranquilidade garantida pela ditadura possibilitou o desenvolvimento da economia. A grande razão da paz e tranquilidade era a facilidade do acesso a uma pequena nesga de terra, também arrendada pelo Estado a baixo preço.

O Estado, já detentor de numerosas propriedades fundiárias, teria aumentado seu patrimônio com as constantes expropriações e incorporações das terras de proprietários conspiradores, em geral membros das classes abastadas, descontentes com a política autonomista e não entreguista de Francia. As ordens religiosas que davam apoio aos conspiradores também tiveram suas extensas propriedades expropriadas. Para garantir o acesso à terra para os camponeses pobres e permitir uma porção maior de terra aos que já possuíam, o governo tratou de arrendá-las à baixo custo aos mesmos. O Estado, também exploraria diretamente às terras. Segundo Maestri, com isso Francia fortalecia “a base social plebeia da nova ordem”.⁴⁰

A diminuição da carga tributária era outra medida que Francia perseguiu até os últimos momentos de seu governo. Uma série de impostos que afetava, sobretudo as classes mais pobres foi aos poucos reduzidos, até quase desaparecer, como o caso da Alcabala - imposto sobre as vendas, que caiu de quatro para 1%. Os impostos não

37 Sérgio Guerra Vilaboy. “El Paraguay del doctor Francia. Artigo”, *Crítica e Utopia*, 5 (s/d), p. 9.

38 VILABOY, Sérgio Guerra. *Paraguay de la independencia a la dominación imperialista*. Ob. cit. p. 121.

39 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 89.

40 MAESTRI, Mário. *Paraguay: A república camponesa [...]* Ob. cit. p. 115.

representavam mais a principal fonte de renda do Estado. O comércio estatizado de alguns produtos e a produção das estâncias da Pátria asseguravam boa parte da arrecadação paraguaia.⁴¹

Francia agiu rigorosamente com os grupos sociais que representavam obstrução ao pleno desenvolvimento da autonomia paraguaia. Suas ações visavam atingi-los no que mais temiam: os bens. Para penalizar as classes espanholistas e crioulas entreguistas, Francia atacou-os economicamente e não com a vida como propuseram seus detratores. Uma medida aparentemente motivada por inspiração despótica e assim classificada por historiografia que negava Francia decretava em março de 1814 a proibição do casamento de espanhóis entre si ou com crioulos.⁴² No entanto, a medida visava golpear mortalmente às classes que conspiravam contra a independência autônoma do país. Isso porque o casamento entre crioulos ou espanhóis com nativos ou mulatos, por exemplo, geraria prole ilegítima. Assim, os bens desses, ao morrerem, passariam para o Estado.

No período colonial, a pouca instrução escolar que existia beneficiava somente as classes privilegiadas. Francia promoveu a criação de novas escolas primárias e rurais. Em uma sociedade prioritariamente rural, o aprendizado das primeiras letras era o suficiente para atender os interesses da classe camponesa. Francia estimulou a formação primária em detrimento do ensino secundário e da única instituição superior controlada pela Igreja – o Seminário de San Carlos. Essa instituição, por sinal, vocacionada a atender membros da elite asuncenha, formar novos clérigos, fora fechada por Francia em 1823. O colégio Seminário estava com suas funções reduzidas onerando o Estado.

A questão do ensino é tema bastante discutido entre os especialistas no tema. Longe de ser um consenso entre os historiadores, essa questão é fundamental para compreendermos o *modus operandi* de Francia. Para o historiador paraguaio, defensor do regime francista, Justo Pastor Benites, no Paraguai governado por Francia “tanto índios como criollos sabían casi todos leer, escribir y contar.”⁴³ Tal afirmação possivelmente tenha inspiração na obra de Max Von Versen, militar prussiano que escrevera sua *Historia da Guerra do Paraguai*, em 1868. Para esse autor, de forma afirmativa “os paraguaios sabiam ler, escrever e contar”.⁴⁴ Por outro lado, há historiadores que contestam a versão positiva da educação no Paraguai. O historiador Francisco Doratioto, em sua obra *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, publicada em 2002, defende que essa ideia é equivocada e que no país não haveria “igualdade social e educação avançada”.⁴⁵

Doratioto, que faz uma análise pouco favorável aos avanços sociais no Paraguai durante o governo Francia e mesmo mantidos com os López, sugere, como visto que naquele país não havia igualdade. Parece-nos uma afirmação correta se levarmos no

41 VILABOY, Sérgio Guerra. *Paraguay de la independencia a la dominación imperialista*. Ob. cit. p. 134.

42 PETERS, Heinz. *El sistema educativo[...]* Ob. cit. p. 52.

43 BENITES, Justo Pastor. *La vida solitaria [...]* Ob. cit. p. 63.

44 VERSEN, Max Von. (1833-1893). *Historia da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: Italiana, São Paulo: EdUSP, 1976. p. 52.

45 DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das letras, 2002. p. 30.

rigor da expressão. Sem dúvidas, o Paraguai não era uma sociedade ideal, uma terra sem males, como propõe-se, inclusive, os defensores radicais do francismo. No entanto, é necessário compreender a conjuntura paraguaia, entender as contradições sociais existentes desde o período colonial entre as classes ali existentes.

Do ponto de vista educacional, Francia promoveu sim mudanças estruturais importantes, privilegiou as escolas primárias em detrimento das secundárias. Isso se dá num contexto de valorização da classe camponesa. Para uma sociedade prioritariamente rural, que praticava uma produção de subsistência ou para um mercado interno diminuto, não era imperioso, segundo as necessidades, da época investimento em outros níveis de educação além das primeiras letras e noções de matemática.

O historiador Mário Maestri, destaca que, apesar das poucas fontes, é possível afirmar que no período do governo Francia, a educação voltada à classe camponesa sofreu grandes ajustes e investimentos, segundo os recursos disponíveis. O governo passara a pagar o salário dos mestres além de esporadicamente fornecer-lhes roupas, produto dispendioso pela escassez de tecidos no país. Ainda segundo o mesmo autor, é necessário considerar que a educação pública no Paraguai era oferecida exclusivamente aos meninos, assim como em outras regiões da América. No Paraguai, teria, em 1834, cerca de 140 escolas primárias rurais para 375 mil estudantes.⁴⁶ A média de 1.300 alunos para cada escola. Os números não seriam nada mal se houvessem dois ou três turnos de aulas como os existentes atualmente.

Buenos Aires, um empecilho ao comércio

Outra questão que denota o empenho de Francia com interesses camponeses é o isolamento no qual passou o país por longo período. Acossado por todos os lados, Francia promoveu o isolamento paraguaio em relação às questões da região platina. Enquanto o ambiente regional esquentava na luta pela hegemonia entre Império do Brasil e Buenos Aires, no Paraguai, interpretando interesses do povo camponês que não via motivos para participar de tais acontecimentos, o clima era de voltar-se para dentro.

Na década de 1820, o bloqueio comercial praticado por Buenos Aires forçava o Paraguai a buscar uma nova rota de comércio. O Paraguai necessitava de alguns bens que não eram produzidos no país. Naquele período, Francia retirou da região das Missões intrusos, principalmente da vizinha Corrientes que atraídos pelos ervais ocupavam a área.⁴⁷ Em 1823, uma saída comercial foi aberta, o porto Itapúa/São Borja.

Buenos Aires, sobretudo, e as províncias do Litoral, a seguir, eram o destino de praticamente toda a produção paraguaia. Para poder comercializar com a Europa, o Paraguai necessitava da intermediação do porto de Buenos Aires. As diversas taxas e impostos pagos nos mais variados entrepostos comerciais antes de chegarem ao

46 MAESTRI, Mário. *Paraguai: republica camponesa* [...] ob. cit. p. 145.

47 WHITE, Richard Alan. *La primera revolución popular en América*. Ob. cit. p. 159.

país encareciam os produtos. Isso era uma maneira de forçar a reincorporação do Paraguai ao sistema colonial, agora sob o tacão de Buenos Aires.

O governo portenho agira de tal maneira para pressionar o governo paraguaio que declarara sua independência política, não aceitando o jugo da Confederação. Francia jamais pretendeu levantar pela força o bloqueio naval imposto pelos portenhos. Os cofres nacionais não comportariam tal esforço e ele não se encontrava na pauta francista, voltada para a autonomia do país. Entretanto, Francia obrigou os espanhóis de Assunção a contribuir com a quantia de cento e 50 mil pesos para a defesa do país.⁴⁸ Tratava-se de dupla ação, uma contra um inimigo externo e outra, contra o inimigo interno, contra a já debilitada classe espanholizada, de claro caráter oposicionista. Durante todo o período em que Francia esteve no poder, a classe camponesa esteve protegida das investidas da classe proprietária paraguaia, interessada na abertura política e econômica para benefícios próprios.

Em 20 de setembro de 1840, morreu em Assunção o líder paraguaio que se destacou por fazer uma política de cunho nacionalista e focada na parcela antes desfavorecida da população. Em cerca de 30 anos no governo, pôde por em prática suas ideias antirrealista e antiabsolutista. Defendeu e foi defendido pelos pequenos e médios proprietários. Empreendeu um governo nunca antes visto no sul da América.

Conclusão

A verdadeira revolução americana esteve longe de passar pelas mãos de Simón Bolívar, San Martín ou ainda Sucre. Foi no interior do já fragmentado vice-reino do Prata que o dr. José Gaspar Rodríguez de Francia capitaneou a primeira e única revolução popular na América daquele período.

Francia não fez e não podia ter feito nada sozinho. A vitoriosa associação entre aquele homem influenciado pelas ideias ilustradas e uma população camponesa oprimida, mas forte socialmente, levou o Paraguai a consolidar sua independência e caráter social singular.

Os governos que sucederam a Francia desconsideraram seus imensos esforços para fazer do Paraguai um país autônomo política e economicamente. Após sua morte, os governos de Carlos e Solano López desenvolveram uma política econômica, tendencialmente liberal em prejuízo à classe camponesa e reavivando a decadente classe possuidora paraguaia. Os resultados dessa política se conheceriam décadas mais tarde com o choque entre o Paraguai e as “potências” regionais na Guerra da Tríplice Aliança. Guerra que trouxera prejuízos incalculáveis para o povo paraguaio que perdeu a autonomia conseguida de forma tão dolorosa no governo Francia. Além de tornarem-se dependentes do Império do Brasil, a população paraguaia foi quase completamente destruída em uma guerra que durou cerca de cinco anos e não interessava a grande maioria do povo camponês.

48 Id. ib. 162.